

### NÃO IMAGINÁVELS

A leitura dos des mandamentos comumente despreendida e tarefa difficil. qñmes con  
 dicio~~PHIA~~de meninas para certas atitudes diante deles. Recemende, no entan-  
 to, se leiter que experimante esse leitura. Encontrará o decálogo em Exodo 20 e  
 em Deuteronomio 5, e uma forma curiosa em Exodo 34. Certamente não justificam es-  
 ses textos em raios de luz que se projetaram da testa de Moisés ao recebe-los em  
 Sinai, (ou Horeb, pois a Bíblia se contradiz neste ponto). Pelo menos não e sua-  
 tilizam se lidos atualmente. Provavelmente já estavam saturadas de comentários e  
 explicações, e ponto de sermos incapazes de regras de comportamto banais e alusões a  
 to. São, para nós, uma combinação de regras de comportamto banais e alusões a  
 mitos não mais vivenciáveis. Mas ocorre neles uma passagem, aparentemente fóra  
 de contexto, que proibe a arte figurativa. Dá ela (Exodo 20,4): "não deves fa-  
 zer esculturas, ou qualquer imagens imitando qualquer coisa de céu, da terra, ou  
 da água debaixo da terra". Esta sentença parece caber melhor no programa da Bie-  
 nal que nos Des Mandamentos. Os exegetas da Bíblia, sejam taludistas, padres ou  
 pastores, não são, via de regra, críticos de arte muito atualizados. As explica-  
 ções que oferecem de sentença citada não resultam em recomendações da arte abstra-  
 ta. Mas creio que uma interpretação assim é perfeitamente viável. A uma suum-  
 ) de uma interpretação assim dedicarei o presente artigo.

A Bíblia tem horror se paganismo. Faganismo é idolatria, isto é adoração de ima-  
 gens. Per que isto é tão horrível? Porque as imagens são "falsas". O assim cha-  
 mado "monoteísmo" na sua forma ocidental é, todo ele, a tentativa de argumentar  
 contra a "falsidade" das imagens. Esse tipo de monoteísmo é o próprio fundamento  
 do nesse pensamento. O Deus desse monoteísmo é inimaginável, e o é em duplo cen-  
 tido: não pode ser imaginado, e não deve ser imaginado. Há outros tipos de mona-  
 teísmo, por exemplo o dos estóicos, e o de muitas religiões primitivas. Estes não  
 serão considerados. Devemos, no entanto, limitar um pouco a inimaginabilidade de  
 nesse Deus, tal como a Bíblia O apresenta. É visualmente inimaginável, mas sem  
 certas condições é perfeitamente audível. Fala, e entra em diálogo com os homens.  
 Obviamente, não é "peado" imagina-lo acústicamente, e os Des Mandamentos não o  
 proíbem. "Falsas" são apenas as imagens visuais que Dele fazemos. Chamamos "fa-  
 lsa" da "realidade", e chamamos as imagens visuais de Deus de "modelos". O que e  
 nesse monoteísmo diz é que todos os modelos de realidade são "falsos". Portanto  
 é a crença que modelos representam a realidade. Idolatria é a explicação da rea-  
 lidade por modelos. Modelos não os "falsos deuses", entre os quais se dirime a  
 ira e a náusea dos profetas. Os Des mandamentos definem a construção de modelos  
 como "peado".

Observem como a exigência de nesse versículo força o argumento a desviar-se. A pro-  
 ibição das imagens parece ser, dado o seu contexto, um mandamento ético, isto é  
 uma regra de comportamento. Fora de seu contexto apresenta-se como norma estética.  
 ou, isto é como uma teoria da arte. Sob consideração revela ser uma teoria de ca-  
 nhocimento. Diz que imagens trazem "falso" conhecimento, porque imagens não se  
 adequam à realidade inimaginável. O presente artigo procurará mostrar que os três  
 aspectos de versículo são inseparáveis.

O conjunto de modelos que contribuímos para imaginar a realidade é chamado "teoria".  
 A teoria é a imaginação da realidade pela via interna. Por exemplo; Newton faz  
 esse um modelo que torna imaginável o movimento dos corpos. Deriva um modelo que  
 torna imaginável o desenvolvimento da vida. Freud um modelo que torna imaginável

2

o funcionamento da psique, Marx um modelo que torna imaginável o comportamento da sociedade. Mas o primeiro exemplo. (o de Newton), freia o negro argumento. **GOPHA** a teoria da relatividade superou o modelo newtoniano. Não substituiu, no entanto, o modelo newtoniano por outro. A teoria da relatividade não torna imaginável o movimento dos corpos, pelo contrário torna os próprios termos "movimento" e "corpos" inimagináveis. Se é que no campo da física, (da física mais avançada), e mandamente "não imagináveis!" começa a revelar a sua força temível? Será que no campo da física deixamos de ser pagãos depois de tantas milharas de anos de paganismo? Será que o nosso monoteísmo está começando a realisar-se pelo menos neste campo restrito?

Devemos confessar que a nossa incapacidade de imaginar o mundo einsteiniano nos deixa profundamente insatisfeitos. Temos dificuldade em admitir que uma teoria imaginável seja um tipo válido de conhecimento. Isto porque somos pagãos no sentido de adorarmos modelos. O modelo newtoniano é algo quase palpável, um idealo diante do qual é passível prostrar-se. No entanto, em certo sentido é "falso". "Stanes, na física, em situação semelhante à dos israelitas diante do bezerro de ouro. A realidade imaginável, mas apenas articulável em símbolos matemáticos puros, aparece por detrás do modelo newtoniano como demonstração de como é inadequada a imaginação humana. Será isto a realidade? E destruirá ela, futuramente, todos os demais modelos? Tornará ela totalmente inimaginável tudo que nos cerca? Destroçará ela todos os nossos ideais, para lançarmos em circunstância inteiramente incompreensível, porque inimaginável? Estas considerações mergulham a nossa mente em clima mais de pavor. Os profetas sentem horror e nojo dos "falsos deuses", e o povo se sente atraído por eles. A atração que o povo sente é compreensível. Ichtar é um modelo da fertilidade, (como o marxismo é um modelo da história), e torna imaginável a realidade, e significativa a vida nela. A ideia letrada é pois inteiramente compreensível. Mas como explicar o horror e o nojo dos profetas? Os ideais, os modelos, são horríveis, porque tapam a visão da realidade e não permitem que esta aja sobre o homem. O homem constrói modelos pra proteger-se contra a realidade e não permitir que os seus raies o atinjam. "Porque não há como o fogo de refinador", diz o profeta. E os ideais, os modelos, são negativos, porque não apenas cobrem. São algo que está lá, ao alcance da minha mão, prestítilde e pronto a ser por mim apreendido e compreendido. São algo compacto e cheio de si mesmo, algo esbarçável e manipulável. Permite que sejam governados por mim, e isto no campo do. A substituição dos modelos, a solicitação dos ideais de serem utilizados, isto é paganismos. A adoração de Ichtar é, com efeito, uma manipulação de Ichtar por mim, é magia. Magia é a construção de modelos que são tentações por realidades e depois utilizadas para a manipulação dessa imposta realidade. Isto é idolatria, e é por isto que é nefendo.

O mandamento "não imagináveis!" define a magia como "pecado". Define portanto todas as nossas tentativas de imaginar, compreender e manipular aquilo que tomamos por realidade como "pecado". Mas é quase impossível concordarmos com essa definição, num plano especulativo. A ciência, a tecnologia, e a arte não se nos afirmam pecaminosas, embora possam concordar com a Bíblia que essas disciplinas contém um elemento de magia. Pelo contrário, existe, como sabemos, por exemplo uma arte "pia". É a filiofonia, que é para o mandamento a soma idolatria, (já que a magia realidades), pode, como sabemos, constituir e anular a teologia. O mar-

damento "não imaginará!" não é aceitável no plano especulativo, e é por isto que o **CRISTO** procura torna-lo inócuo e inoperante. Procura, com efeito, transtornar o para épocas históricas passadas que não nos dizem respeito. Como se tivesse por objeto apenas o culto de Ichtar, e não o culto de freudismo. Mas num plano vivencial, num plano estético, o mandamento é inteiramente válido, porque nesse plano podemos ter a experiência imediata da imaginação como pecado. Errar e não se aproximar da vivência que acompanha o pecado. Creio, com efeito, que para nós os modernos horror e nojo não a definição do pecado. Pois a contemplação de um modelo, por exemplo do darwinismo, nos causa horror, porque esse modelo nos tapa a visão daquilo que sentimos ser a realidade da vida. Sentimos, horrorizados, que todos estes termos como "sobrevivência de mais bem adaptada" e "luta pela sobrevivência" são termos pecaminosos, porque inadequados. É a mesma contemplação nos causa nojo porque sentimos ser o darwinismo um modelo fechado sobre si mesmo, que explica tudo de demasiadamente bem, e que prova ser ele "falso". Se contemplamos e darwinismo como obra humana, como modelo construído pelo homem para compreender e manipular algo que resolveu chamar de "realidade", então podemos vivenciar de repente o quanto é inadequada essa obra, e portanto o quanto é horrerosa e nojenta, isto é peccata. Se conseguirmos assumir essa atitude estética para com o darwinismo, tã, renos, creio, captado algo do clima no qual o mandamento "não imaginará!" surgiu.

É o pensamento existencial que facilita essa atitude. Trata-se de uma filosofia que é, no fundo, anti-imaginativa. Surge como consequência de fenomenologia, que é a tentativa de assumir uma atitude perante o fenômeno nos de acordo com o mandamento. É aplica a fenomenologia à situação corriqueira na qual nos encontramos. Procura portanto evitar modelos, mas permitir que a situação se revele vivencialmente. Nessa atitude não libertas as coisas de peso da nossa imaginação e derivadas e fundo inimaginável de qual surgiram. São essas tonas. O movimento artístico que procura captar esta vivência que resulta dessa atitude é o surrealismo. Com o surrealismo surge, de certa forma, uma vivência do mundo que corresponde ao estágio de destruição dos ideais, dos modelos. Mas o surrealismo é ainda um movimento pagão, no sentido de procurar imitar algo "do céu, terra, ou da água abaixo da terra", embora esse algo não seja mais tomado como realidade. Mas é a arte não figurativa, a arte abstrata, que é a última consequência dessa atitude. Nela é feito o sacrifício consciente da capacidade imaginativa como construtora de modelos de realidade. A imaginação não é mais utilizada para a imitação da realidade, mas a obra de arte passa a ser a articulação de vivências imagináveis. É esta uma arte que, por certo inconscientemente, compartilha com os profetas e horros e o nojo dos ideais cheios de si mesmos.

A nossa civilização é síntese de duas heranças: a grega e a judia. No campo da ética e da moral, inclusive no campo da política e da economia, é a herança judia (na sua forma cristã), a que prevalece. No campo da estética e no campo do conhecimento prevalece a nossa herança grega. A nossa arte, e a nossa ciência e filosofia deve muito mais aos gregos que aos judeus. Nessas áreas quase inteiramente pagãs, no significado dos Dez Mandamentos. Estes, nesses campos, dedicados à construção de modelos. Mas, no presente estágio de desenvolvimento, começamos a vivenciar esses nossos modelos como sendo "deuses falsos". Isto significa que há uma irrupção da nossa herança judia nesses campos. Em consequência disto começamos a existir em mundo inimaginável. Isto no campo da sensação de des

4

orientação, de perda do senso da realidade. Quando mundo está se tornando abstrato a "construção empírica" (o caso dos deuses) que estamos presenciando. Sendo a realidade tradicional, aquela chamada imaginável pelas sociedades, não nos dá mais respeito. Refletos a 1) nos deuses de barro. Mas não temos mais, (ou não nos temos), a fé naquela realidade que se revela nos "os Mandamentos". A tarefa talvez se situação das sociedades no momento da descida de Moisés da montanha.

A física atual não pode em contato com uma realidade imaginável. Aceitamos essa realidade sem poder aderir a ela. A arte abstrata nos põe em contato com outra realidade imaginável. (Ou será a mesma) Mas ambas expressões de uma vivência do mundo que o "novo Testamento" profetizava. Pela primeira vez na história do Ocidente articulamos a vivência judaica do mundo na física e na arte. A, pela fenomenologia e pelo existencialismo, também na filosofia. É um momento perigoso para o nosso futuro descevalivamente. É perigoso, porque pode resultar em anti-intelectualismo. A proibição de imaginar é a proibição de fazer nada. Mas "modelo", não é isto um termo muito semelhante ao termo "idéia"? "Uma sinar", não significa isto, no fundo, "ter idéias"? A interrupção da herança judaica no campo de ciência, da filosofia e da arte, não representa ela uma ameaça ao pensamento "best court", e não apenas ao pensamento teológico? A resposta a esta pergunta depende, obviamente, de novos futuros comportamentos. Dependendo de como conseguiremos sintetizar a nossa herança grega como o deus que os Deuses Mandamentos nos legamos atualmente.

Em neste espírito, creio, que devemos encarar a arte abstrata. Como o resurgimento repentino do mandamento "não imaginarás" na superfície da nossa casa. Como um reaparecimento de uma herança submersa por milhares de anos. Devemos encará-la portanto não apenas esteticamente, mas ainda filosoficamente e politologicamente. Em outras palavras devemos encarar-la como a articulação de um realismo submerso, e portanto sobre sentido como a articulação de um realismo novo. "Como a primeira palavra, depois de toda uma história submersa, que a palavra vivencia o mandamento "não imaginarás" no seu significado original, mas a que palavra que nos dá um fundamento insustentado. Mas os mandamentos milhares de anos como palavra nos legamos novamente.